

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
ANA MARIA LOPES FERRO**

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: REVITALIZAÇÃO DA PRAÇA DAS
AMERICAS NA CIDADE DE ASSIS CHATEAUBRIAND NO OESTE DO PARANA.**

CASCABEL

2017

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
ANA MARIA LOPES FERRO**

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: REVITALIZAÇÃO DA PRAÇA DAS
AMERICAS NA CIDADE DE ASSIS CHATEAUBRIAND NO OESTE DO PARANA.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo, da FAG, apresentado na modalidade Projetual como requisito parcial para a aprovação na disciplina: Trabalho de Curso: Qualificação.

Orientador: Profº Arqº: Daniele Brum Souza

Cascavel

2017

RESUMO

O presente trabalho explora o estudo, das praças, dos espaços públicos e seus privilégios para a população, tentando resolver o problema de uma área histórica da cidade, um ambiente de importância para população, proporcionando-lhe um local para lazer, com práticas de eventos culturais e passeio. A Praça das Américas, localiza-se na cidade de Assis Chateaubriand no Oeste do Paraná, tendo um grande significado para a cidade e necessitando de sua revitalização. A área da praça, ao mesmo tempo que espaço público, terá a oportunidade de fazer a população perceber a história real e o valor do local, propondo um contato maior no convívio das pessoas e a natureza no ambiente em que ela se insere. É estruturado com as praças e suas importâncias, sendo assim, espaços públicos, a realização da orientação de projeto para a revitalização da Praça das Américas.

Palavras-Chave: Praça, Revitalização, Cidade, Espaço Público, Paisagismo

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Vista superior da Praça General Osório	25
Figura 2 - Playground	25
Figura 3 - Área de lazer	26
Figura 4 – Vegetação	27
Figura 5 - Vegetação	27
Figura 6 - Vista superior da Praça Ary Coelho – Campo Grande	28
Figura 7 - Vista superior noturna da praça	29
Figura 8 - Vegetação	29
Figura 9 - Trilha	31
Figura 10 - Playground	31
Figura 11 - Vista superior do Parque Burle Marx – São Paulo	31
Figura 12 - Mapa da localização da Cidade de Assis Chateaubriand-PR	32
Figura 13 - Localização da Cidade de Assis Chateaubriand-PR	31
Figura 14 - Imagem aérea da Praça das Américas e seu entorno	33
Figura 15 - Imagem da vegetação da Praça das Américas	34
Figura 16 - Arborização	35
Figura 17 - Chafariz	35
Figura 18 – Banheiro publico	35
Figura 19 - Acesso na entrada	36
Figura 20 – Quadra de bocha	36
Figura 21 - Mobiliário Urbano	37
Figura 22 - Mobiliário Urbano	37

Figura 23 - Mobiliário Urbano	37
Figura 24 - Mobiliário Urbano	38
Figura 25 - Mobiliário Urbano	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

KM - Quilometro.

Km² - Quilometro quadrado.

M² - Metros quadrados.

N° - Número.

PR - Paraná.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	04
1.1 TÍTULO	04
1.2 ASSUNTO/TEMA	04
1.3 JUSTIFICATIVA	04
1.4 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA	04
1.5 HIPÓTESE	05
1.6 OBJETIVOS	05
1.7 MARCO TEÓRICO	05
1.8 ENCAMINHAMENTO METODOLOGICO	05
2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETONICOS	06
2.1 NA HISTÓRIA E TEORIAS	06
2.2 NAS METODOLOGIAS DE PROJETOS	08
2.3 NO URBANISMO E PLANEJAMENTO URBANO	11
2.4 NA TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO	13
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E SUPORTE TEÓRICO	16
3.1 PRAÇAS	16
3.1.1 História das praças e sua significância no Brasil	17
3.2 PARQUES	18
3.3 ESPAÇOS PUBLICOS E AREAS VERDES	18
3.4 LAZER E MOBILIARIO URBANO	19
3.5 REVITALIZAÇÃO	21
3.6 PAISAGISMO	21
3.6.1 Paisagismo em função da sociedade	22
3.6.2 Paisagismo na percepção de sensações e psicológico	23

4 CORRELATOS OU ABORDAGENS	24
4.1 PRAÇA GENERAL OSÓRIO	24
4.1.1 Aspecto formal	24
4.1.2 Aspecto funcional	25
4.1.3 Aspecto ambiental	26
4.2 PRAÇA ARY COELHO	28
4.2.1 Aspecto formal	28
4.2.2 Aspecto funcional	28
4.2.3 Aspecto ambiental	29
4.3 PARQUE BURLE MARX	30
4.3.1 Aspecto formal	30
4.3.2 Aspecto funcional	30
4.3.3 Aspecto ambiental	31
5 DIRETRIZES PROJETUAIS	31
5.1 A CIDADE DE ASSIS CHATEAUBRIAND	32
5.1.1 Localização do município	32
5.1.2 História da cidade	32
5.2 IMPLANTAÇÃO	33
5.2.1 Característica da praça	34
5.2.2 Cenário atual	35
5.2.3 Mobiliário Urbano atual	36
5.2 PROPOSTA PROJETUAL	38
5.3.1 Programa de necessidades	39
5.3.2 Fluxograma	39
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	42

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade desenvolver um projeto de revitalização da Praça das Américas, na cidade de Assis Chateaubriand no Oeste do Paraná.

1.1 TÍTULO

Revitalização da Praça das Américas na cidade de Assis Chateaubriand no Oeste do Paraná.

1.2 ASSUNTO/TEMA

O presente trabalho tem como assunto a reestruturação de uma praça histórica e significativa e como tema a revitalização da Praça das Américas na cidade de Assis Chateaubriand no Oeste do Paraná.

1.3 JUSTIFICATIVA

O desenvolvimento deste projeto para a conclusão do curso, baseia-se na melhoria do lazer e bem estar dos moradores da cidade de Assis Chateaubriand no Oeste do Paraná, com a revitalização de uma praça localizada no centro da cidade. Procurando refletir sobre o papel fundamental da preservação do patrimônio cultural e material, como um recurso de preservação da identidade histórica e cultural dos diferentes círculos que dividem o espaço urbano.

O trabalho possui relevâncias culturais, como exemplo tendo o processo de revitalização no centro da cidade de Assis Chateaubriand, destacando a importância do patrimônio como atrativo da cidade, e aprimorando aspectos ambientais.

Contudo o resultado da pesquisa contribuirá para a melhoria urbanística, aperfeiçoando a praça das Américas, tornando-a um ambiente aprazível para os habitantes da cidade de Assis Chateaubriand no Oeste do Paraná.

1.4 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Tendo em vista a carência de ambientes para o lazer da população de Assis Chateaubriand, a praça das Américas apresenta os critérios necessários de um ambiente apropriado para atender as necessidades da cidade?

1.5 FORMULAÇÃO DA HIPÓTESE

Sabendo das condições estruturais da praça, tanto espacial, quanto ao local, o projeto de revitalização se torna viável, tendo em vista que a cidade está em crescimento e já necessita de espaços de bem estar e lazer urbano. Com este objetivo, a praça tem como finalidade ser um jardim urbano, criando um espaço confortável para todos os públicos.

1.6 OBJETIVO DA PESQUISA

1.6.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo é a revitalização da Praça das Américas, quanto a sua estrutura, tornando-a um ponto de referência ao lazer da cidade de Assis Chateaubriand no Oeste do Paraná.

1.6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a- modificar a estrutura física da praça, como exemplo o mobiliário urbano;
- b- inserir atrativos para o lazer e esporte;
- c- adaptar a praça para que possua acessibilidade;
- d- implantar espaços adequados para a realização de ações culturais;
- e- acrescentar arborização, levando em consideração o tipo e espécie apropriada para o local.

1.7 MARCO TEÓRICO

Neste trabalho o marco teórico se baseia nas seguintes citações:

As áreas verdes são importantes para a qualidade ambiental das cidades, já que assumem um papel de equilíbrio entre o espaço modificado para o assentamento urbano e o meio ambiente. São consideradas como um indicador na avaliação da qualidade ambiental urbana, pois esses espaços livres públicos obrigatórios por lei, quando não são efetivados, interferem na qualidade do ambiente. [...] A falta de arborização, por exemplo, pode trazer desconforto térmico e possíveis alterações no microclima, e como essas áreas também assumem papel de lazer e recreação da população, a falta desses espaços interfere na qualidade de vida desta. [...] Entende-se que a população urbana depende para o seu bem estar, não só de educação, cultura, equipamentos públicos, mas também de um ambiente com qualidade, e a vegetação quando presente, interfere positivamente na qualidade de vida dos habitantes da cidade. (AMORIN, 2001, p.69)

1.8 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

A proposta do trabalho se configura por meio de pesquisas bibliográficas que segundo os autores Marconi e Lakatos (2002, pg. 71) a pesquisa bibliográfica deve captar toda a

bibliografia que já esteja pública em relação ao assunto de análise. Seu objetivo é incluir o pesquisador diretamente com o que foi escrito.

O caminhar de uma pesquisa bibliográfica alterna em cargo de suas metas. Portanto é necessário que concordem os objetivos para que sejam visivelmente firmados a fim de que as etapas seguintes da pesquisa decorra-se de forma gratificante (GIL, Antonio C. 1996, pg. 63).

2. APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETONICOS

2.1 NA HISTÓRIA E TEORIAS

A arquitetura é uma arte, que em constante evolução se torna o nosso maior meio de contemplar nossas riquezas e saúde. O seu início se deu quando a humanidade começou, de forma regular, a praticar a agricultura. As pessoas viviam em lugares estabelecidos, e cuidavam das terras, ao invés, de caçar como seus ancestrais. Como praticantes da agricultura, esses povos criaram as primeiras cidades, ergueram lares, palácios, templos e santuários. O ponto de partida para arquitetura se deu a partir desses povos na construção de Jerico, sendo o mais primitivo e conhecido desenvolvimento urbano. (GLANCEY, 2005)

Para Benevolo (1991) cidade é uma palavra usada para indicar dois sentidos: o de organização da sociedade integrada e concentrada, que se inicia muitos anos atrás no Oriente Próximo, onde se identificava como a sociedade civil; ou indica uma situação física dessa sociedade.

As primeiras cidades surgiram nas regiões do Egito e Mesopotâmia, ali os homens começaram a se organizar em sociedade. Nestas cidades surgiram os comércios, onde as pessoas eram classificadas de acordo com as funções que exerciam como pescadores, ferreiros, agricultores. (FAZIO *et al.*, 2011). As cidades são o centro físico que mostram os atributos das condições urbanas, onde vemos uma população grande e com diversas atividades não-agrícolas, com certa complexidade de organizações formais e impessoais e uma variedade de serviços centrais, para os que ali habitam, e também para pequenas comunidades que vivem ao seu redor. (REDMAN, 1978 *apud* COELHO, 2011)

Através da influência do Estado surgiram algumas cidades planejadas. Elas eram construídas por ordem direta do soberano com a finalidade de abrigar os trabalhadores designados a construção das tumbas reais, ou aos sacerdotes responsáveis pelo culto funerário de um faraó. Como é o caso das cidades de pirâmide construídas durante o Reino Antigo. Diferentemente das cidades que surgiam naturalmente, a construção das cidades planejadas se dava de forma organizada, sendo feitas na maior parte das vezes intramuros. (COELHO, 2011)

[...] Elementos primários da cidade. Sendo eles: a residência (mostrando que nenhuma cidade pode ignorar a residência como componente de sua forma. A residência não é amorfa), as atividades fixas e o tráfego, batizando-os de catalisadoras, que originalmente são expressões de funções, porém o desenvolvimento do processo urbano isso se transforma. E sua permanência é memória constituindo um fato urbano. Por exemplo, “os monumentos são uma permanência porque já se acham em posição dialética no interior do desenvolvimento urbano”. Essas transformações são importantes, pois elas possibilitam as diferenças das partes ligadas à totalidade, o que possibilita a liberdade de escolha. [...] A geografia da cidade também é um elemento inseparável da sua história, mesmo em cidades planejadas ou não, pois o plano pode ser considerado um elemento primário, como Leningrado e Brasília. (ROSSI, 1996, p.16)

Na Grécia do século VI, as cidades se apresentavam na forma de bairros, com ruas estreitas e tortuosas, justas ou dispersas, fechadas sobre si mesma que poderiam ir ao pé ou ao lado de uma colina íngreme onde encontrava-se uma acrópole. Um lugar fortificado, que por um longo período foi o símbolo de poder político, com Atena, a Deusa da polis. Somente no final do século VI e início do século VII é que obtiveram as primeiras tentativas de planejamento e melhorias das cidades. (HAROUEL, 2001)

Com o aumento da população e das imigrações, conseqüentemente veio o aumento das cidades e a construção de novas casas. Durante a revolução industrial houveram diversas mudanças na distribuição dos habitantes em território inglês. Entre as décadas de 1830 e 1850 nascia a urbanística moderna, as cidades cresciam ano após ano e algumas delas atingiram dimensões excepcionais, como Londres que foi a primeira a reunir 1 milhão de habitantes, a primeira entre as cidades da Europa. (BENEVOLO, 2004)

A arquitetura busca entender as qualidades, que a determinam como sua essência e natureza. A mesma observa o lugar, o avalia e aprende com ele, onde o corpo e a mente esperam dos lugares a satisfação de expectativa. (HOLANDA, 2013). Para Zevi (1996) a reprodução da arquitetura se faz pela passagem técnica que o arquiteto faz dos critérios que o caracteriza para utilização do construtor.

Na América o urbanismo português não seguiu os mesmos padrões das cidades espanholas como lhe fora orientado. Deste modo o urbanismo português caracterizou-se de forma negativa na planificação, mas em compensação ele foi altamente positivo no setor arquitetônico com belíssimos edifícios construídos. Por volta de 1900, Brasília em uma expressão e prova de grandeza e vitalidade ao Brasil, chegou em sua prova definitiva de cidade, o seu desenho lembrava um avião de fuselagem reta e curta, com numerosas asas ligeiramente curvas. Tratava-se de uma obra de arte indiscutível, de extrema elegância e perfeição. (BRUAND, 2005)

A tarefa do arquiteto é organizar e ordenar o meio ambiente em que vivemos, temos que reconhecer que as nossas cidades não nos refletem isso. Esse é um problema do presente século, ocasionados pelo modernismo, pois no século passado, se ocorresse um grande aumento das cidades, em especial nas metrópoles, que há grande diferença na forma mural dos edifícios, o antigo método renascentista era apenas um: garantir a forma dos ambientes urbanos, através das limitações técnicas responsáveis pelo porte semelhante dos edifícios (COLIN, 2002). Segundo Holanda (2013) a arquitetura se inicia através da configuração da forma e do espaço, dos quais os edifícios se modificam em objetos culturais e sociais, sendo tratados com aplicação criativa.

2.2 NAS METODOLOGIAS DE PROJETOS DA ARQUITETURA E PAISAGISMO

O desenho é a linguagem de quem projeta e mediante ele, se dá a maneira de entender integralmente, já com reprodução genuinamente geométrica designada ao conhecedor, já com probabilidades para o descrente, a arte de dominar o desenho simplifica a compreensão da obra e é de grande importância para sensibilizar vantajosamente o cliente. A maior parte do que o homem cria é designado ao seu próprio uso, as dimensões dos quais ele projeta, tem a ver com as medidas do seu corpo. (NEUFERT, 1998) Para Bicca (1984) a obra se amplia em expansão perante suas determinações, com decorrências que se ampliam do mais básico ao mais complexo, de acordo com a mesma lei. Com isso percebe-se que a planta carrega com ela um movimento primário determinado.

Segundo Venâncio (2012) o planejamento na realização do projeto de arquitetura é essencial, seguindo uma norma que para um efeito melhor, com criatividade e funcionalidade, é de fundamental importância que possuía sequencias e que ela sejam seguidas. Ressalta também que é através da planta baixa que se faz a reprodução da edificação, com cada andar possuindo uma planta baixa específica para lhe representar. Para Borges (2010) em primeiro lugar o projeto tem por compreensão, elementos gráficos que constituam todo o complemento necessário para que haja êxito sobre o que irá ser elaborado, como plantas, cortes, fachada, detalhamento técnico e etc.

O desenhista não pode exigir que o desenho técnico saia conforme o seu pensar, pois é partir dele que a obra será construída, tendo assim que ser absolutamente correta para que os profissionais compreendam o que será executado. Tendo em vista que os desenhos técnicos devem conter sem erros as indicações das medidas, sendo assim não ocorrerá defeito e prejuízos. A despesa da construção é baseada através do projeto, em razão de que lá irá conter a quantidade de materiais utilizados. É obrigatório que contenha símbolos gráficos caso houver necessidade de melhor interpretação do projeto. (MONTENEGRO, 2001)

Para a elaboração do gerenciamento de obras, é executado um plano em que se faça um planejamento pré-obra e uma orientação da obra em si com a verificação do planejamento que foi oferecido, propiciando a veracidade do progresso do processo, mas deixando sempre em propósito os princípios do cliente. (BORGES, 2010)

De acordo com Neufert (1998) o desenho esquemático possui dados a fim de compartimentar uma forma simples, na mesma escala e com consideração de que as repartições dependam uma das outras. Os formatos das folhas de papel baseia-se nas dimensões do que nela é inserido, o qual auxiliam para o dimensionamento das repartições. As formas previas construtivas procede das estratégias de amarração, tecelagem entre outros. A moradia exige do homem excessos atmosféricos e permite um local prazeroso, favorecendo sua habilidade de trabalho. Um dos fatores arquitetônicos que influenciam na emoção do homem, é a cor do ambiente, pois pode causar calma e até mesmo depressão. A temperatura também é de grande importância, uma vez que a que gera mais conforto ao homem é entre 18 e 20 graus, e no trabalho é de 15 a 18 graus, sempre variando da atividade.

A pintura simbólica expressa de fato o conceito de algo real e se o arquiteto retrata a arquitetura que ele projeta, nem por esse motivo deixa de ser, evasivo declarar que a produção arquitetural nos coloca a frente da associação, entre dois espaços, que é o mental do arquiteto e a seu lance no espaço real. A forma técnica empregado pelos arquitetos de realização e dominação, e isso existe apenas quando acontece o suporte do capital, enquanto maneiras de controle ligado às relações de criação que este define. (BICCA, 1984)

E, como a arquitetura continuara, evidentemente, a existir enquanto os homens existirem, no mínimo na condição de cumprir sua função primeira, isto é, enquanto abrigo; e se concordarmos com as representações que os arquitetos fazem de si próprios, não restaria alternativa que não fosse aceitar a perpetuação dos mesmos. (BICCA, 1984, p.139)

No Brasil e até mesmo internacionalmente, na década de 1980, foram inúmeros os projetos e obras concretizadas com vínculo a remodelação urbana, com choque também de valor regional. Tiveram como fundamental incentivo a precaução de ecossistemas naturais que até então eram sem valores, como os lagos e mananciais, os remanescentes de florestas nativas a reutilização de áreas degradadas. O período tem como ponto o começo de uma revalorização dos locais livres particular. Para a arquitetura isso teve uma passagem gradativa que deve ser pensado de forma a dar valor e vincular as edificações a paisagem que foram constantemente

indicados como forma de projetos que foram feitos nesse período. (FARAH e SCLLE e TARDIN, 2010)

Para Cullen (1983) os diversos fundamentos naturais que fazem composição a paisagem urbana, é a árvore que ocupa com mais frequência, e a associação entre a vivência e a cidade possui uma profunda e respeitável prática. O conceito das árvores era que possuía um valor estrutural, quando se levado em conta a sua distribuição em vista dos padrões arquitetônicos, porém hoje em dia é considerável que a árvore é uma presença viva situada no nosso meio. Isso proporciona ligações novas entre a arquitetura orgânica e a infraestrutura natural. Segundo Mascaró (2005) os impactos do sombreando das árvores no esfriamento das ruas tem por influencia o sentido da geometria do espaço urbano, produzindo esse efeito de resfriamento especialmente na área abrangida pelas árvores.

É necessário dar cuidado a morfologia da área para que seja traçado os elementos dos sistemas, com ênfase nos aspectos decorrentes como a topografia, verificando se possui elevações e depressões consideráveis, a vegetação contendo suas respectivas espécies, importantes edificações com valor histórico. (MASCARO, 2008)

Paisagismo é uma entonação singular artística em que interagem os cinco sentidos do ser humano. No mesmo momento que a arquitetura, a pintura, as inúmeras artes utilização se de somente uma da visão. Envolve também o paisagismo os cinco sentido do corpo humano, o que gera uma significativa experiência sensorial, ao adicionar as mais variadas e difíceis experimentos perspectivos. A quantidade em que o jardim mais obtém êxito afinando os sentidos, é preferível cumprir seu papel. (ABBUD, 2006)

É relatado sobre o espaço físico como o local onde o homem se abriga, contentando apenas suas carências formais e comerciais. Como causa nativa dessa prática, o externo também faz parte desse conceito, humanizando não somente o espaço, como a paisagem em si. Em virtude disso, constatou-se que não há diferença entre o que há dentro e o que há fora do ambiente construído. (CULLEN, 1983)

A visão é um dos Sentidos mais complexos do ser humano. Não é um recurso estático, e sim ágio e móvel. Passei a vontade sobre os elementos que estão diante de si, sejam eles próximos ou distantes. Seu funcionamento pode ser explicado como um mecanismo que capta uma sequência de planos, que vão perdendo nitidez à medida que vão se afastando. (ABBUD, 2006, P.16)

2.3 NO URBANISMO E PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

Ao longo da história, as cidades se desenvolveram em diversos conceitos, mas foi com o Renascimento que veio a primeira proposta de reestruturação das cidades. Buscando os espaços urbanos de edificações, obtiveram uma representação com perspectiva, onde nessa época as normas e regras foram descobertas, se tornando instrumento primordial para sua concretização. (GONSALES, 2005)

A cidade é organizada em espaços com muitas formas e funções, erguida por diversas mãos em um rápido período de tempo. A forma da cidade, deve ser despojada e adaptável aos seus cidadãos. Uma nova oportunidade de transformar o novo mundo urbano em paisagens belíssimas e coerentes, deve-se obter novas formas, sendo prazeroso ao olhar, organizadas em seus espaços, sendo vistas assim como ícones da vida urbana. (LYNCH, 1999)

No Brasil houve bastante investimentos nas cidades, de forma física, de diversas formas, abertura de loteamentos e a construção de edifícios pela iniciativa privada, construindo avenidas, parques e casas populares, ofertando transporte urbano, instalando redes de abastecimento de água e coleta de esgoto, delimitação de zonas urbanas. (VILLAÇA, 1999)

Construída para um número de pessoas, a cidade vem com uma grande diversidade de formação, ocupação, temperamento e classe social. Analisando a variação e diferenças como as pessoas organizam a sua cidade, entende-se quais as formas são mais compatíveis. Onde o designer deve criar uma cidade com vias, limites pontos, marcos e bairros, pensando em todas as qualidades de forma. (LYNCH, 1999)

PLANEJAMENTO URBANO - a partir da palavra "plano" foi escolhido a expressão planejamento Urbano para designar essa formação específica de ação, ou de discurso, do Estado sobre o espaço urbano, caracterizada por uma suposta visão geral ou de conjunto. (VILAÇA, 1999, p.181)

Para Rodrigues (1986) o que o interessa são as arquiteturas de edificações de espaços livres e também coletivas; de cenários da vida coletiva, e locais de permanência e circulação; uma arquitetura dos espaços urbanos. A restauração urbana tem como principal função a correção a curto prazo, de centros e bairros, promoção e revitalização de comércio e serviços, lazer e habitação. Dessa forma afirma que os projetos urbanos são propostas e não soluções.

Os avanços do urbanismo promoveram um visual novo aos edifícios para moradia, por meio de seus prolongamentos, melhorando o foco de negócios, garantindo a exploração perfeita dos imóveis. (LE CORBUSIER, 2000). De acordo com Macedo (2008) a ideia nova de urbanismo, tem o resgate dos estilos urbanísticos passados e da arquitetura da cidade tradicional. Farr (2013) defende o urbanismo sustentável, onde possui relevância em uma

grande oportunidade de redesenhar o ambiente elaborado de uma forma que ampare uma qualidade de vida superior e ofereça uma forma de vida saudável e sustentável.

O período de Renovação Urbana juntamente com as ideais do modernismo, priorizava o novo, aniquilando o que se considerava antigo e ultrapassado, e construindo tudo novo, dando ênfase a renovação. A perspectiva de renovação, simpatizava com as necessidades e vontades das elites daquela época e também com os anseios dos patrocinadores dessas renovações. A revitalização é feita quando se tem a necessidade de recuperar uma área degradada e que tenha uma subutilização, elas surgem como projetos de modernização e embelezamento das cidades. As revitalizações também podem ser feitas através de construções de peso, em localizações estratégicas, por visibilidade ou aparência monumental. Tornando-se pontos chave, servindo de catalisadores para o desenvolvimento e valorizando as cidades onde se encontram. (BEZERRA, 2014)

Os pilares do urbanismo moderno da ênfase a quatro questões que respondem com exatidão aos perigos ameaçadores:

1° Ceder às exigências do transito descongestionando os centros das as cidades

2° Melhorar a densidade do centro das cidades para aumentar o contato exigido pelos negócios.

3° Melhorar os meios de circulação, sendo assim, a modificação total ocasionada pela atual visão da rua que se revela sem efeito perante os modernos meios de transporte: metrô ou carros, bondes e aviões.

4° Melhorar as superfícies arborizadas, única forma de garantir a higiene e a calma ao trabalho atento que exige os ritmos aos novos negócios. (LE CORBUSIER, 1999)

Organização física compreende a reestruturação, renovação ou expansão de espaços. As propostas de adequação são formuladas pela comunidade local, de uso coletivo ou privado, porem com único interesse coletivo. As propostas formuladas pelos usuários, são planejadas pelos urbanistas e viabilização técnica, que por meio físico urbanas demonstra em forma de desenho. Essas propostas são identificadas pelos grupos sociais, porem a equipe de planejamento também pode contribuir com as suas propostas. Características funcionais para os centros urbanos devem satisfazer a alguns pré-requisitos de funcionalidade para que melhor desempenhem o seu papel:

Franca acessibilidade para veículos e pedestres; A acessibilidade deve beneficiar usuários de transportes coletivos, pois qualquer bloqueio do tráfego que aconteça de forma inevitável deve preferir o veículo individual pela sua baixa capacidade de transporte e o espaço grande de ocupação de circulação e permanência.

Centralidade Física: Distancia das áreas de habitação, em unidades de tempo-percurso que são mais distantes como de caminhar a pé para aquelas mais próximas que funciona como centro de bairro. Também a flexibilidade e disponibilidade das áreas de permanência de veículos e pedestres. (RODRIGUES, 1986)

Segundo Le Corbusier (2000) o urbanista fixa o local e classifica os espaços, promove o destino das construções de continentes, e ainda por meio de uma corrente de circulação liga os espaços. Já o arquiteto, projeta uma simples habitação, mesmo se tratando de uma pequena sala, também constrói continentes, desenvolve espaços e resolve sobre circulações. O urbanista nada mais é do que o arquiteto.

2.4 NAS TECNOLOGIAS DA CONSTRUÇÃO

A formação do espaço urbano não é somente pelo clássico acordo de áreas edificadas e áreas livres, contendo uma relação entre si ou desintegradas por conta do caos. No espaço urbano inclui-se também as redes de infraestrutura que promove seu uso e, conforme sua percepção, altera-se em componente de relação entre a forma, a função e a estrutura. (MASCARÓ, 2005).

A afirmação de Gonçalves e Duarte (2006) é de que a procura pela eficácia por meio das tecnologias construtivas precisam se associar a parâmetros estéticos, funcionais, de bem estar e de competência. Desse modo, os projetos arquitetônicos necessitam oferecer recursos para os aspectos ambientais locais, especialmente levando em conta, as propriedades climáticas, como por exemplo a temperatura do ar, a umidade, a temperatura evidente, a radiação solar, o sentido e velocidade dos ventos. Para Fanticle e Alvarez (2008) o estudo da arquitetura bioclimática está implantado em circunstâncias mais abrangentes, que é a construção sustentável, pois a qualidade do ar e os ruídos são elementos de influência na prática de uma arquitetura de pouco impacto ambiental e maior capacidade energética.

Arquitetura Bioclimática faz referência ao projeto de edifícios, baseado nas circunstâncias climáticas do local, com propósito de oferecer conforto térmico, acústico e visual, manuseando energia solar e outras condições presentes no meio ambiente. O sistema solar passivo usa fatores naturais como o solo, a vegetação para humedecer e também iluminar os espaços. Na arquitetura a energia incorporada de algum projeto de construção tem a possibilidade de ser calculada, e quando o caso é de projetos ecologicamente corretos, é estabilizada por equipamentos eficazes e são ajustados a construção e por meio do planejamento verde do transporte e outros serviços. (DENILSON, 2014)

Para Romero (2000) a arquitetura bioclimática é especialmente seu ambiente construído que opera como instrumento de direção dos fatores do meio, por meio das paredes, pisos, coberturas e seu entorno que é a água, vegetação etc. Os espaços internos não contêm uma atividade precisa, constituindo no seu meio um “nomadismo” para conduzir as épocas do ano, e tornando a uma atuação do homem na climatização do seu ambiente.

No Brasil, apesar de ainda não existir uma legislação específica para materiais eco eficientes, dentro do caminho do desenvolvimento sustentável já existem materiais ecológicos ou produtos ambientalmente responsáveis fabricados em escala industrial. A sustentabilidade está na moda, e as indústrias de materiais para construção civil acompanha esse movimento lançando vários produtos que se dizem “amigos da natureza”, mas que nem sempre são tão amigos assim. (VENÂNCIO, 2011)

Já Mendes e Verissimo e Bittar (2005) se posicionam sobre a forma da construção convencional, eles afirmam que as vedações e divisórias se caracterizam através de diversos materiais, tais como, a alvenaria, que é uma técnica que se utiliza de tijolos, lajotas ou pedras de mão e argamassa. A adobe, uma lajota confeccionada com barro e compactada em forma de madeira, revestidas com argamassa de cal e areia colocadas para secar a sombra. Pedra que eram utilizadas em fortificações, igrejas e construções oficiais, por ser um material de maior resistência. Pau-a-pique, produzida através de uma estrutura de madeira roliça em forma de gaiola, inserindo-se torrões de terra para que os vãos da estrutura fossem sejam preenchidos, entre outros.

No dicionário de arquitetura possuímos algumas definições, tais como a fundação, que se trata da parte mais baixa de uma construção, parcial ou totalmente abaixo do nível do solo, destinada a sustentar e firmar a superestrutura, bem como transmitir as suas cargas diretamente ao solo, que podem ser chamadas também de alicerce. Há a fundação rasa, que é o alicerce colocado imediatamente abaixo da parte mais inferior de uma subestrutura e que transmite as cargas de uma edificação diretamente ao solo, que as suporta, por pressão vertical. A parte da fundação que se apoia diretamente ao solo é chamada de sapata, que fica situada abaixo da linha de geada, que nada mais é do que a profundidade máxima na qual o solo se congela ou uma geada é capaz de penetrar, e alargada a fim de distribuir sua carga por uma área maior. (CHING, 2014)

Pela sua variabilidade, o gesso é um dos materiais de acabamento mais empregado, por possuir como benefícios a resistência ao fogo, e ter uma grande capacidade de absorção de calor. Como uma variável, temos o gesso acartonado, que é um material produzido através da prensagem de gesso e papel reciclado. A partir dele, são produzidos industrialmente placas que

podem ser utilizadas como forros, paredes e revestimentos. As paredes produzidas através desse material trazem um alívio de fundações e estruturas, além da rapidez na montagem e acabamento, que resulta em ganhos econômicos consideráveis. (RIBEIRO e PINTO e STARLING, 2003)

A madeira foi a principal influência para o desenvolvimento da arquitetura brasileira e o seu uso só diminuiu com o surgimento do ferro e mais tarde o concreto armado. Por se tratar de um material fácil de se trabalhar, a madeira desencadeia duas novas maneiras de se trabalhar. Uma delas é a carpintaria, que se caracteriza pela execução de elementos estruturais como os esteios, tesouras e vigas. A outra é a marcenaria, que é responsável pela produção de elementos utilitários como os móveis. (MENDES, Chico; VERISSIMO, Chico; BITTAR, Willian. 2005)

Como alguns exemplos de materiais ecológicos podemos citar a areia reciclada, que é produzida a partir de entulhos de obras, que são moídos e secados, para ser usada para a fabricação de argamassa de assentamento, revestimento e também para reboco. Temos o CPIII, um cimento com menor impacto ambiental, que substitui o clínquer por escórias na sua fabricação, mantendo o mesmo desempenho dos cimentos tradicionais. Há também um pavimento permeável, que favorece a infiltração de água no solo e a redução do efeito “ilha de calor”. E o piso emborrachado, que é feito com sobras de pneus de borracha reciclados, misturado com resina à base de poliuretano pigmentado. São produzidas em placas que podem ser usadas tanto em exterior quanto em interior, principalmente em play-ground’s e academias que tem como benefícios o fato de serem antiderrapantes e amortecedores de impacto. (VENÂNCIO, 2011) Outra afirmação sobre os pisos vem de Ramos e Parlandi e Pereira (2015) onde visam uma nova tecnologia à sustentabilidade, que são os pavers, utilizados para construir calçadas, onde colabora para o método de drenagem.

Ressalta Venâncio (2011) que a maneira para se identificar se esses produtos são realmente ecológicos é verificando o selo de autenticidade, mais conhecido como “selo verde”. Que nada mais é, do que um acompanhamento da avaliação técnica criteriosa do produto, ciclo de vida, insumos, matéria-prima, processo produtivo e seu uso até o descarte.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E SUPORTE TEÓRICO

3.1 PRAÇAS

Macedo (2010) define a praça como um lugar público e urbanístico, sem grandes construções, apenas para o bem estar, lazer e a aproximação entre as pessoas, onde pode-se andar livremente sem a poluição e a insegurança de carros ou automotores. Ruas e praças publicas formas importantes espaços para história das cidades em nosso país, muitas resoluções se deram início em praças. Tem um importante papel nas relações sociais em crescimento, existe desde os tempos da Colônia. Sempre conhecida como um local para socialização e lazer dos habitantes, junto com a evolução das cidades, a praça desenvolveu um papel diferente, mas, a característica social que é sua referência, ainda permanece e lhe qualifica. Os grandes jardins da cidade, que são espaços de livre acesso e fundamentais para uma vida saudável, nos garantem uma melhor circulação de ar, horário de sol, e drenagem, pois são alguns dos espaços que não contem cimento, tudo isso e mais referimento cênico da cidade...

Macedo (2010), diz que a praça e o centro, o local de reunião da população, e que está ali para o descanso, usada também, para encontros, comercio, distração e concentração. O esboço da praça, tinha de colocar os equipamentos que o programa necessitava, sem desobedecer os setores de cada atividade, foi assim que surgiram alguns projetos que contava com setores exclusivo para cada atividade, dividida de forma que cada qual usasse seu espaço específico, o que a faz um ícone de setor urbano, passando a ser representada por meio de suas figuras e elementos que se destacavam, como canteiros jardins chafariz, bancas e coretos. Depois de 1970, a nova praça foi admitida como necessidade na vida de uma cidade, foi valorizada pela população que buscava um espaço e urbanização e verticalização

Robba (2010) explica que no Brasil, essa forma urbana de praças e quase desconhecida no cerne, tanto pelos criadores quanto pelos frequentadores, tais como arquitetos, engenheiros e técnicos, nos mostra a praça como sendo ruas, que vão de terreiros até grandiosos e elaborados jardins, usada como ponto de encontro. Feita para comércios, encontros amigáveis, românticos, ou políticos, e para a vida ao ar livre. Torna-se ícone de espaço social, e começa ser vista em figuras como grandes canteiros de jardim, fontes e alguns quiosques.

3.1.1 História das Praças e sua significância no Brasil

Ao longo dos anos, levando-se em consideração vários aspectos que a define, funções, usos e concepções, teve mudanças significativas. Mas, é certo que, a despeito das transformações, elas ainda representam lugar público e importante no dia a dia urbano (DE ANGELIS et al., 2005).

Para Caldeira (2007) a praça brasileira, procura estabelecer seu início, como ponto de partida a vinda dos portugueses com a sua cultura urbanística e o processo de colonização aqui posto; as modificações históricas, junto com desenvolvimento político do povo, a exposição modernistas, e o desenvolvimento da cidade moderna brasileira, transparente na criação do Plano Piloto de Brasília.

Macedo e Robba (2002) mostram que a praça pode ser explicada de maneira abrangente, como um espaço público de cidade, sem edifícios ajude na recreação de seus usuários. O espaço tido como antecessor das praças foi ágora, na Grécia. Era um espaço aberto, delimitado por um mercado, onde se realizava a democracia direta, este era o local visto pelos cidadãos para debates e discussões.

Dentro disso, se destaca a formação da praça colonial tendo edifícios institucionais, no qual eram responsáveis pelos conjuntos arquitetônicos histórico das cidades, em Salvador teve o primeiro exemplo de praça cívica brasileira; o Paço Imperial, local -símbolo da corte brasileira, na então capital Rio de Janeiro; a Praça da Sé, na cidade de São Paulo, o princípio da formação urbana e também símbolo de praça de religiosidade; e a Praça da Liberdade, em de Belo Horizonte. Espaço republicano que originou com a introdução dos princípios urbanos, essa praça mostra um padrão de paisagem europeia, como espaços de jardins, e práticas cotidianas da burguesia. (CALDEIRA 2007)

Até o século XVIII as praças restringia-se ao arredores dos palácios europeus, nem sempre dentro das cidades. Os espaços livres nas nas cidades e conhecidos pelas aglomerações humanas, em geral, estavam relacionados com mercados populares no local (comércio) ou ao redor de igrejas e catedrais. No século XIX, que o desenho de praças ganhou espaço, conhecido pelo trabalho de profissionais como Frederick Law Olmsted (desenhou o Central Park de Nova Iorque). (MACEDO e ROBBA, 2002)

Esse espaço, criado há milênios, usado por civis distintas maneiras, nunca deixou de atender a sua mais importante tarefa: a de integrar e socializar. Praças são locais abertos, públicos e urbanos para lazer e convívio das pessoas, sua função principal é a de aproximar e reunir todos, tanto com cultura, economia (comércio), política ou razão social. (MACEDO e ROBBA, 2002)

3.2 PARQUES

Macedo (2003) relata que a função dos parques no Brasil nem sempre tem uma definição exata. Define parque em espaço público de lazer ou que contem vegetação preservada, de qualquer porte, um pátio, uma área com muitos metros quadrados. Para o autor, parque é todo espaço público com fins recreativos sejam quais forem, que incorporem intenções de conservação e que a estrutura é autossuficiente, e não é condenada por nenhuma construção feita ao seu redor.

O parque urbano brasileiro, se difere-o europeu, não veio por meio da urgência social em atender as grandes massas urbanas do século XIX, é uma figura complementar do palco das elites emergentes, que queriam inspiração pelas figuras urbana internacional. A evolução do Parque Urbana vem acompanhando as mudanças das cidades, sendo, um testemunho de importante valor social e cultural das populações. Pode se observar que forma um elemento de permanente, mantendo-se suas principais características, independente das mudanças estruturais em seu entorno.

O autor mostra a necessidade, de novos parques menores devido à falta e ao alto valor da terra, que atendam a várias necessidades de lazer, esportivas, culturais, não atendendo muitas vezes o valor contemplativo, característica dos primeiros parques públicos e diz que são poucos os parques que tem um projeto luxuoso como os parques antigos, e um programa que atenda às necessidades da população, porque, não são fruto de um bom plano de sistema público.

Nas décadas de 1930 e 1940, uma nova maneira de fazer projetos de parque surge, e valoriza atividades recreativas, como playgrounds, áreas de convívio da família feitas para piqueniques e quadras de esportes, surge a preocupação com a cultura, surgindo, teatros, museus, anfiteatros, bibliotecas, auditórios dentro do parque ao ar livre, fato que, em consequência, alterou a função e morfologia dos parques (MACEDO 2003).

Mascaró (2008) fala de parque urbano com soma de jardim, criando os parques públicos, com corredores de vegetação, tornando atrativo no percurso da cidade, observando a vegetação. É um espaço grande, cruzado por acessos aos diferentes lugares do parque.

3.3 ESPAÇOS PUBLICOS E AREAS VERDES

Com os centros urbanos criados veio a necessidade de lazer e contato com o que é natural, criando assim os espaços urbanos, que nada mais seriam que praças arborizadas que contasse com atividades para todos. O espaço público assume várias formas e tamanhos, que era desde calçadas bonitas até uma vista de um jardim na janela do quintal. São lugares desenvolvidos para o cotidiano da população podendo ser ruas ou parques acessíveis a qualquer

pessoa, hoje existem os mais variados espaços de uso urbano, não sabendo sua serventia e o seu uso exato. (SUN 2008, p.35)

Gomes (2009) entende que o local público da ideia de liberdade e igualdade, e tem como base a separar o privado e garantir acesso livre. É, o lugar, praça, rua, parque, todo espaço onde não tenha obstáculos e garanta a possibilidade de acesso e introdução de qualquer pessoa, desde que siga regras básica de convívio.

Atualmente, com a remodelação dos espaços urbanos, em áreas centrais da cidade, com a aumento de espaços de recreação e diversão e a introdução do ambiente paisagístico no projeto, o parque urbano tem um papel especial no desenvolvimento dos planos urbanos, Macedo (2003),

o Ministério do Meio Ambiente, diz que as áreas verdes tem localização em centros urbanos com cobertura vegetal, tanto arbórea, arbustiva ou rasteira e ajudam o equilíbrio ambiental para a qualidade de vida. De acordo com o art. 8º, § 1º, da Resolução CONAMA Nº369/2006, área verde é mostrada em espaços públicos objetivando a ecologia, o paisagem e a recreação, tornando um local com estético, funcional e ambiental, com vegetações e espaços livres.

Lira Filho (2001) cita que, áreas verdes são destaques por cumprir um papel de harmonia entre as camadas da população, com existência de parques e praças, tendo em seu ambiente diversos tipos de pessoas, de faixas etárias, de religiões e de níveis socioculturais, diferentes. Lengen (2004) expressa a precisão de áreas verdes para as pessoas, que é necessário terrenos livres, onde os habitantes possam ter um parque no futuro.

Para Martinez, são espaços físicos com domínio de vegetação arbórea e muito importante no aumento de qualidade de vida, trazendo vários benefícios: redução da poluição, diminuição dos raios solares e queda da temperatura externa, a menos da poluição sonora, fauna e da flora preservada, espaço urbano valorizado visivelmente. Exemplos de áreas verdes são os jardins parques urbanos, complexos esportivos e recreativos, praças públicas, entre outros, cujo o uso está relacionado a sua conservação, segurança.

3.4 LAZER E MOBILIARIO URBANO

Segundo Macedo (2003), o lazer, está ligado a espaços livres destinado a jogos e brincadeiras, sendo áreas para o paisagismo ou para leves caminhadas, contemplando o local em meio à natureza, um lugar de paz. Já para Teixeira e Zamberlan (2007), as mudança em áreas públicas deve vir com um planejamento básico, que atenda às necessidades do município e às normas necessárias.

Lira Filho (2001) tem lazer como necessidade do homem, tempo para realizar atividades, tanto ativa ou passiva, como jogos e brincadeiras, esportes, ou simplesmente, sentar-se na grama verde.

Lamas (2004), explica que para fazer um desenho de cidade excelente, é precisa elaborar o mobiliário urbano, que é integrado por elementos móveis, como, bancos, chafariz, latas de lixo, placas de indicação, entre outros que acompanhe, a escala da rua. Para Jhon (2010), tem que cuidar com o mobiliário pois pode interferir na paisagem deve ser pensado em cores e tipos materiais utilizados, para que possam ser mostradas sensações, que dão segurança e conforto. Os objetos, elementos e construções que integram a paisagem urbana, precisando de autorização para implantação dos mesmos no poder público (ABNT, 1986, p.1)

London (2000) tem recomendações de como deve se implantar o desenho de equipamentos urbanos, para deixar as ruas chamativas, e principalmente seguras para os frequentadores, usando de exemplo, o manual da cidade de Londres Streets for All. Ressalta Ribeiro (2008), o mau planejamento do mobiliário em calçadas pode ser um grande problema, criando obstáculos que deixam de atrair pessoas em espaços públicos. Na hora de ser inserido, o mobiliário urbano deve levar em consideração a acessibilidade para que evite barreiras para os pedestres.

Segundo Mascaró (2008) o mobiliário urbano influencia a estética e funcional de lugares, e favorecem a segurança dos usuários, que precisam de atenção dos planejadores preocupando-se com a qualidade do ambiente público, circulação, dos parques. Os mobiliários urbanos precisam facilitar a locomoção e não o contrário, principalmente deficientes físico e com necessidades especiais temporária ou até mesmo permanente. O mobiliário urbano terá como principal função estabelecer comodidade à população.

Conforme Romero (2001) os materiais localizados nas áreas ao redor não possuem capacidade térmica tão alta quanto à dos materiais urbanos. As áreas livres apresentam menor aspecto rugoso do que as urbanas e tem maior resistência entre as superfícies, e os ventos que passam.

Nas palavras de Montenegro (2005) o mobiliário deve atender necessidades dos usuários, pois é um produto de uso público que integra o espaço ou ambiente que será colocado, deve ajudar nas atividades desenvolvidas e no uso do espaço, as estruturas e a paisagem e deve representar a história, da cultura e os significados do lugar.

3.5 REVITALIZAÇÃO

Segundo Grosso (2008), remodelação é um assunto usado no que se refere a intervenção urbana. Mas, pode sofrer várias intervenções na paisagem, com várias características. Nos últimos anos, acontece o reconhecimento das áreas urbanas, sendo importante a sua valorização no meio urbano. Para Vargas (2006), restaurar significa alterar a imagem do município, divulgando o reaproveitamento as construções do patrimônio.

Já Braga (2003), acredita que o significado é reavivar o local sem mudar sua história original, e a revitalização tem por característica deixar a construção íntegra. Explica que, com o tempo, há degradação, e por isso, se torna necessário o uso de revitalização no determinado local, e o principal responsável é o homem vândalo.

Ainda Brandi (2004) restauração é toda intervenção que trará eficiência a um produto da atividade dos homens. No ponto de vista comum a restauração, tem identificação com esquema pré-conceitual, pois se tem a ideia de intervir o produto de atividade humana, qualquer intervenção seja ela biológica, física não entra, portanto sequer na noção igual de restauro [...]. (BRANDI, 2004, p.26)

Braga (2003) diz que para se fazer uma restauração precisam ser tomados alguns cuidados como: o local, pelo fato de o ar poluído ser a principal causa das patologias; a temperatura do local, gerador de mofo e outros fatores e a água, por corrosão na edificação. O restaurador, deve valorizar a história do lugar.

“Uma exigência da restauração é respeitar e guardar a autenticidade dos elementos da obra. (BRANDI, 2003)

3.6 PAISAGISMO

Sun (2008) conta a história do paisagismo, desde a criação de parques, para solucionar a aglomeração de prédios em uma cidade, fazendo uma área de lazer, e para a cidade ser saudável, é importante espaços abertos e verdes, que teve uma importância maior na segunda metade do século XIX.

Para Lira Filho (2001), o paisagismo é uma área nova do conhecimento, essa evolução começou a partir do momento que o homem nômade alterou seu comportamento e fixou moradia em determinado lugar, o paisagismo entrou em sua vida.

Para Tabacow (2004), a inicial atitude filosófica quanto ao paisagismo foi no período neolítico, onde o homem mudava a natureza topográfica conforme suas necessidades. O jardim projetado fica tão velho quanto a descoberta dos números, conhecido como uma das mais antigas expressões artísticas. Lira Filho (2001) afirma, assim que o homem evoluiu o seu

comportamento nômade e se fez moradia fixa explorando o meio que o cerca, o paisagismo fez parte de sua vida, atendendo suas necessidades funcionais e estéticas.

A história dos seres humanos é escrita sobre a paisagem. Toda civilização, todo império deixou sua marca de alguma maneira importante. As muito tempo as pessoa tem necessidade de construir e criar, para atender às necessidades de alimentação, abrigo e companhia, e para edificar monumentos gloriosos são símbolos de suas ambições coletivas. (WATERMAN, 2004, p. 12)

Waterman (2010) escreve que o paisagismo está em todo espaço externo, e os paisagistas alteram a forma urbana, ajudando a configurar o mundo físico e os sistemas naturais onde vivemos, casam arte e ciência para nascerem lugares. Lira Filho (2001) completa, falando que paisagismo é definição de ciência e arte. Por envolver os estudos e técnicas que transformamos ambientes para satisfazer os desejos das pessoas. E a forma de expressão sobre as emoções humanas, por meio da criatividade.

Mascaró (2008) define a paisagem como um espaço que se compreende com um só olhar, que é compreendida uma verdade ecológica, num espaço chamado de natural (antes da intervenção humana), onde se firmam os elementos e as estruturas feitas pelo homem, com sua cultura, conhecida, também; como “paisagem cultural”. Waterman (2010) diz ainda que paisagem é um todo de predicados materiais e imateriais que qualificam um local, assim como, a aparência e a personalidade qualificam uma pessoa, a paisagem pode ser definida por suas características, sejam boas ou não, com; a geologia, o solo, a topografia e os recursos hídricos, que caracterizam uma paisagem, podemos somar as plantas a esses elementos, que definem uma paisagem.

3.6.1 Paisagismo em função da sociedade

Segundo Lira Filha (2001), a paisagem faz parte do dia a dia humano, presente em muitos aspectos, desde o ecológico, até o econômico e o social. Estudos de paisagem mostram que a paisagem contemporânea tem a função de promover o encontro dos grupos sociais, em que a vida cotidiana da cidade acontece nos locais públicos, que tem tanto os propósitos humanos, quanto os naturais. O convívio entre o comportamento humano e o ambiente é um processo atraente, cujo ambiente tem um o impacto sobre o indivíduo, que irá afetá-lo fisiologicamente e psicologicamente.

O paisagismo deve atuar como ponto de equilíbrio entre o homem e a natureza, podendo usufruir das paisagens e todos os benefícios que ela oferece, em prol de uma qualidade de vida. Principalmente em áreas urbanas, onde dois terços da população mundial habitam. O paisagismo tem um papel importante, propiciar ambientes agradáveis e saudáveis. Nota-se que a vegetação das paisagens, cumpri seu papel ecológico, que reflete no social; pois quando se

melhora a questão ambiental na cidade, a população tende a elevar sua qualidade de vida. Isso acontece devido a paisagem mais equilibrada, oferecer bem, que são de extrema importância para o ser humano, independente da atividade que esteja realizando, (LIRA FILHO, 2001)

3.6.2 Paisagismo na percepção de sensações e psicológico

Abudd (2006) mostra que o paisagismo é a única exposição artística que participam os cinco sentidos humanos. Logo que a visão é o primordial para a arquitetura, pintura, escultura as demais artes plásticas; o paisagismo precisa do olfato, a audição, o paladar e o tato, que proporcionam uma grande vivência de sensações ao adicionar as mais variáveis e completas experiências perceptivas. Como um jardim, pois consegue aguçar todos os sentidos, cumprindo sua função. O autor exemplifica como agem os sentidos e como podem ser incitados em paisagismo. Santos (2014) complementa, dizendo que paisagem é tudo o que podemos ver, o que a visão toma conta. Formada não apenas por volumes, mas também, por cores, odores, movimento sons, entre outros.

Segundo Abudd (2006), o sentido mais complexo do ser humano é a visão, é um recurso ágil e móvel. Seu funcionamento pode ser mostrado como um mecanismo que capta uma sequência de planos, que vão diminuindo a nitidez conforme se afastam. Quando a visão foca nos elementos vegetais, percebe a forma das copas, flores e folhas, caules e galhos. Capta as diversas colorações e texturas das florações e folhagens. A visão segue o sentido das copas e das ramagens ao vento, encanta-se com o brilho do sol que aquece e ilumina, com a chuva que escure e molha e, também, com a escuridão da noite realçadas pelas luzes da lua e das estrelas. Enquanto o tato opera de outro modo, precisando do contato direto com os elementos, fazendo com que se perceba a temperatura, se há rugosidade, lisura, aspereza, maciez. O tato também informa sobre o calor do sol, frescura da sombra e outras sensações. Já o paladar, possibilita conhecer os elementos de forma diferente, faz a boca regalar com diversas frutas e flores comestíveis que preenchem os espaços ajardinados. Nos jardins, tudo é som. A audição faz possível conhecer o barulho das águas, o balanço das folhas ao vento, o ruído do caminhar sobre pedriscos, o canto dos pássaros. Tudo atrai o olfato, seja pelo cheiro das plantas, seja pela grama recém cortada, pelos perfumes das flores.

Santos (2014) ressalta que a percepção é sempre um processo seletivo de apreensão, pois cada pessoa irá interpretar o que vê de uma maneira diferente, desse modo, a visão pelo homem se torna distorcida. Por isso, o arquiteto ou o paisagista têm a tarefa de ultrapassar a paisagem como aspecto para chegar ao seu significado.

De acordo com Abbud (2006) a base do espaço paisagístico não é igual do arquitetônico e do urbanístico, pois a matéria prima vem por meio da natureza, como o ar, a água, o fogo, a terra, a fauna, a flora e o tempo que modificam a paisagem ao longo das quatro estações. Assim,

utilizando esses elementos não é possível prever a precisão nesses ambientes fixos, no jardim sempre se deve saber que as formas são fluidas, livres, instáveis e imprevisíveis. O relevante é pensar não só nos cheios, no papel das superfícies e dos volumes das plantas, mas sim, no que acontece entre elas, a partir dos elementos naturais, os vazios transitado em espaços, sem esquecer que mudam ao longo das estações. Cada espaço paisagístico transmite diferentes percepções, dependendo das extensões, alturas e luminosidade, surgindo aconchego, surpresa bem-estar, paz, grandiosidade, beleza, entre outros.

Em arquitetura a forma segue a função, no paisagismo a função é ter boa forma para ser agradável aos olhos de quem a vê. (ABUDD, 2006, p.33)

Abbud (2006) finaliza dizendo que, com o ritmo desenfreado do cotidiano e a falta de segurança nas ruas, o paisagismo tende aproximar as pessoas da natureza. Nas áreas mudadas paisagisticamente, crianças e adolescentes podem crescer, brincar e fazer descobertas como as plantas, enquanto os adultos e idosos recarregam suas energias e descansam do estresse do dia-a-dia.

4. CORRELATOS

Neste Capítulo, serão acometidos correlatos que irão trazer proveitos para a execução do projeto, e melhoramento de praças e ambientes de lazer.

4.1 PRAÇA GENERAL OSÓRIO - BRASIL

A praça originou-se com nome de Largo Oceano no ano de 1978, no ano seguinte em 1979 renomearam com seu nome usado nos dias de hoje, General Osorio de acordo com Neves(2016) e Szczepanski (2010). Segundo os autores, a praça tem esse nome por homenagem ao comandante brasileiro na guerra do Paraguai. Neves (2016) cita que a praça apresenta 12.700 m² e passou por reformas durante todo seu período, desde a inauguração até os dias de hoje.

4.1.1 Aspecto formal

Segundo Neves (2016), a praça é apontada sendo uma das mais arborizada entre os edifícios de Curitiba. Exibe um belo chafariz central, tem importante influência Francesa nas calçadas e em algumas das peças trazidas da França para adornar a praça. Szczepanski (2010) descreve que na praça continha um relógio e na homenagem de aniversário de 300 anos da cidade de Curitiba, no ano de 1993, a praça foi modificada, e incorporado a réplica exata do relógio, o que se reverteu em um símbolo oficial do horário da cidade, podendo ser vista nas figuras 04 a seguir.

Figura 01: Vista superior da Praça General Osório - Brasil



Fonte: Alan Szczepanski,(s/a)

Dessa forma, é notável como a praça adquiriu um valor simbólico para sua cidade, com adornos renomados, tendo um sentido especial para o lugar. Além de estar de acordo as formas que a desenham com o contexto da história, seu relógio, o símbolo maior, é de extrema importância para a cidade e sua população

4.1.2 Aspecto funcional

Szczepanski (2010) e Neves (2016) descrevem que, o arquiteto Manoel Coelho projetou no ano de 1993 a Boca do Brilho, um espaço que continha 19 engraxates, quiosques de revistas, jornais e cafés. Hoje no mesmo local se apresentam feiras de artesanato e gastronomia. Szczepanski (2010) nos diz ainda que o lugar é aproveitado ainda para realização de apresentações populares, pode-se observar nas figuras: 02, e 03, abaixo.

Neves (2016) explica que algumas mudanças foram feitas na praças com o passar do tempo, tornando-se um local equipado e completo. Em 1971, os seguintes arquitetos, Orlando e Dilva Busarello, introduziram o primeiro banheiro, área de lazer e um *playground*.

Figura 02: Playground



Fonte: Alan Szczepanski,(s/a).

Figura 03: Área de lazer



Fonte: Alan Szczepanski,(s/a).

Nota-se que, uma praça contendo todos os recursos necessários para lazer e diversão, com equipamentos úteis e de qualidade, chama a atenção da população para que frequentem seu espaço. Um local agradável, com visualização que remete à natureza, em meio a muralhas de cimento, onde se encontra tranquilidade, segurança e refúgio para os dias de cansaço, inspiração para artistas e centro de encontro de culturas e diversidades.

4.1.3 Aspecto ambiental

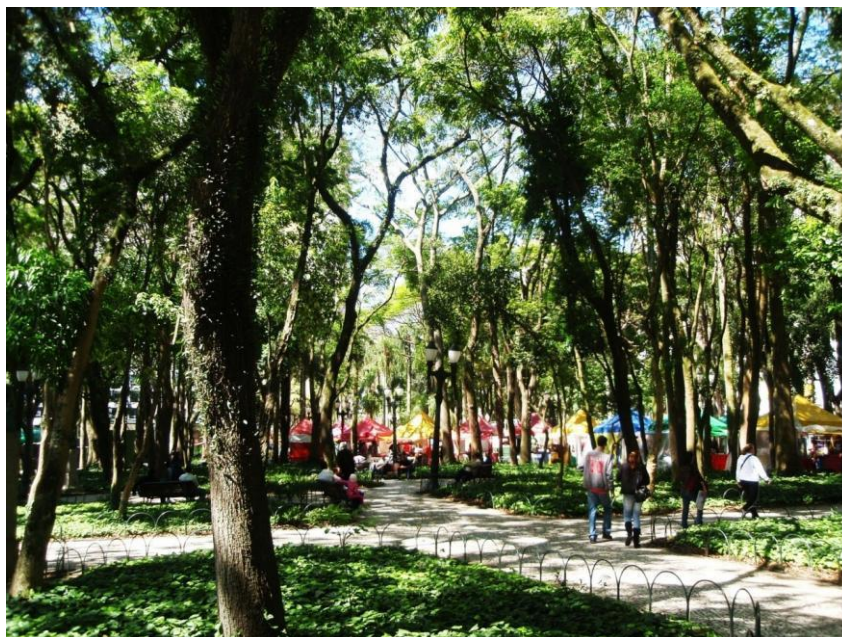
“Entre 1990 e 1997 as primeiras árvores alinhadas foram plantadas, com espécies nativas e aleias, já os canteiros elevados chegaram em 1913” (NEVES, 2016). O autor discorre a grande quantidade de verde que a praça retrata, ganhando o título de uma das mais arborizadas da cidade. São 400 árvores, sendo 46 espécies, entre Palmeiras, Cássias e Guapuruvus, conta também com canteiros de flores da estação, expondo espécies de Tagetes, como mostra nas figuras 04 e 05 a seguir.

Figura 04: Vegetação



Fonte: Alan Szczepanski,(s/a).

Figura 05: Vegetação



Fonte: Alan Szczepanski,(s/a).

Se torna fundamental analisar a vegetação, e sentir que o local passa uma sensação de leveza e bem estar, devido ao seu espaço florido e arborizado, o que remete ao puro, o que deve

ser extremamente valorizado em meio a poluição doas dias atuais. Assim consegue-se notar a importância na escolha de espécies que foram utilizadas com o objetivo de cada estação.

4.2. PRAÇA ARY COELHO

Localizada em Campo Grande - MS, na área central da cidade. Foi construída no lugar do cemitério do arraial de Santo Antônio, localizado perto da igreja. No ano de 1909 implantou-se o jardim ou também conhecida como Praça da Independência e em meados dos anos 30 atendia pelo nome de praça da liberdade. Já em 1922, houveram remodelações no local, sendo a construção de canteiros, implantação de um coreto e vegetações, mais tarde foi construído o Pavilhão do Chá no ano de 1925. A praça teve seu último nome e oficial em 1954, homenagem ao então prefeito da cidade que foi assassinado Ary Coelho.

4.2.1. Aspecto formal

Com espaço próprio para atender eventos populares a praça conta com palco, onde são realizados shows e apresentações. Seu terreno está situado em um nível mais elevado, contando com rampas de acesso e escadas. No centro está instalado um belo chafariz com que chama atenção por sua iluminação e sonoridade.

4.2.2. Aspecto funcional

Contando com aproximadamente 10 mil m², ficou interditada por um tempo, depois passou por reformas, foram instauradas cercas e cinco acessos que ficam aberto ao público das 5hs às 22hs. para as crianças tem uma área de brinquedos. Os adultos por sua vez contam com mesa de jogos, academia ao ar livre, para distração e bem estar dos mesmos. Seu entorno com várias construções entre prédios e casas, não interferem na circulação e acesso a praça. Pessoas com dificuldade de locomoção crianças e cadeirantes tem livre acesso a praça pois a mesma conta com piso regular e estável, o que deixa o passeio ainda mais seguro. Em toda praça existem bancos para que seus visitantes tenham momentos de conforto.

Figura 06: Vista superior da Praça Ary Coelho – Campo Grande



Fonte: <http://www.institutowp.com/unidades.html/>

Figura 07: Vista superior noturna da praça



Fonte: <http://www.msreporter.com.br/praca-ary-coelho>

4.2.3 Aspecto ambiental

Relativamente foram encontradas 24 espécies arbóreas, como a *Cecropia pachystachya* (embaúba). Em 1920 foram plantados 2 jequitibás, sendo que 1 permanece até os dias atuais. Existem canteiros com formatos assimétricos plantado grama, que deixa o ambiente ainda mais verde. Toda cidade tem em seu espaço, árvores, o qual dá a vida ao ambiente urbano, quebrando o clima de frieza das grandes construções. As árvores instituem uma parte viva de toda cidade, pois influenciam o ambiente urbano principalmente no clima local, qualidade do ar, espécies de aves, e na estética.

Figura 08: Vegetação



Fonte: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b>

4.3. PARQUE BURLE MARX

Localizado no distrito de Vila Andrade-SP na região Sul. O Parque Burle Marx traz uma proposta diferente, fugindo apenas do lazer e diversão não contando com espaço para ciclovia, pista de skate ou campo de futebol. Pois a grande importância é preservar um pequeno trecho de Mata Atlântica da cidade de São Paulo que ainda resta.

4.3.1. Aspecto formal

Contando com edificações ricas para nossa história e arquitetura, alguns exemplos como a "Casa de Taipa e Pilão" – em meio do século XIX – era usada pelo então denominado “Ciclo Bandeirista”. O Parque Burle Marx está localizado em São Paulo, foi inaugurado em 1995 com um Convênio que envolvia a Fundação Aron Birmann que por seu objetivo primordial trabalhar coma gestão do parque e buscar sua autossuficiência econômica e com a Prefeitura do Município de São Paulo.

4.3.2. Aspecto funcional

Conta um jardim de quase 4 mil m² dentro do parque que é constituído por 15 palmeiras imperiais, um gramado Xadrez (de aprox. 700 m²), espaço do Pergolado, um Espelho d’água constituído por um conjunto de fontes, dois painéis escultóricos feito de concreto e alto relevo serve de moldura para o espaço e a área, e para as árvores Pau-Ferro. Existe mais de 50 espécies de plantas herbáceas e arbóreas, que ficam situadas entre canteiros e jardins formando a obra paisagística e arquitetônica de Roberto Burle Marx. O parque conta com uma área de 168 mil m², onde há diversas áreas de lazer para satisfação da população e seus frequentadores, divididas por trilhas em meio a vegetações que existe no parque, todo o conjunto traz bem estar a população.

Figura 09: Trilha



Fonte: <http://passeiosbaratosemosp.com.br>

Figura 10: Playground



Fonte: <http://passeiosbaratosemosp.com.br>

4.3.3 Aspecto Ambiental

No parque pode-se encontrar uma grande biodiversidade de mata atlântica, tem por volta de 90 espécies de animais silvestres alguns exemplos são o Sagui-de-tufo-Branco e o Pica-Pau-de-cabeça-amarela. A sua flora tem um conjunto belíssimo e raro de espécies, entrando em destaque as árvores Pau-Brasil, Copaíba e Palmito Juçara, e demais árvores frutíferas que adornam a beleza do Parque. Figura 10.

Figura 11: Vista superior do Parque Burle Marx – São Paulo



Fonte: <http://www.spbairros.com.br/parque-burle-marx/>

5 DIRETRIZES PROJETUAIS

Com base nos correlatos, fica apontado diversas questões propostas no projeto prático, baseado em paisagem, circulação e relação dos ambientes, assim como a arquitetura, o significado cultural, respeitando ao entorno e a posto arquitetônico.

5.1 A CIDADE DE ASSIS CHATEAUBRIAND

. De acordo com dados do site da prefeitura (2017), a cidade possui uma população estimada de 34.046 habitantes, sua área da unidade territorial é de 969,587 Km². A distância da Capital é de 588 km e 1.150 km da capital federal Brasília, o aeroporto mais próximo fica cerca de 40 km, na cidade de Toledo.

5.1.1 Localização do município

Assis Chateaubriand se localiza na região Médio Oeste do Paraná, na Micro-Região 13 e faz divisa ao norte com Alto Piquiri e Iporã através do Rio Piquiri. Ao sul em linha seca com Toledo e Tupãssi. Ao Oeste em linha seca e pelos rios São Pedro e do Peixe com Palotina e ao Leste através do Rio Verde com Formosa do Oeste, Jesuítas e Nova Aurora.

Figura 12: Mapa da localização da Cidade de Assis Chateaubriand-PR



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Assis_Chateaubriand_\(Paran%C3%A1\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Assis_Chateaubriand_(Paran%C3%A1))

5.1.2 História da cidade

A história de Assis Chateaubriand foi iniciada em 1958 quando a Colonizadora Norte do Paraná começou desbravar a região Vale do Piquiri. No dia 15 de dezembro de 1960 o pequeno povoado que pertencia ao Município de Guaíra passou a pertencer a Toledo, sendo denominado "Distrito de Tupãssi" que em Tupi Guarani significa "Mãe de Deus". Este povoado crescia surpreendentemente com a chegada dos pioneiros cheios de coragem que se embrearam pelos sertões. Graças a estes homens valorosos, hoje existe Assis Chateaubriand que é uma referência regional.

O distrito de Tupãssi cresceu tanto que teve que se desmembrar de Toledo e através da Lei nº 5.389 foi criado o Município de Assis Chateaubriand. Há 39 anos, no dia 20 de agosto de 1966, se criava o Município de Assis Chateaubriand, na época com cerca de 80 mil habitantes. Hoje Assis Chateaubriand tem aproximadamente 34 mil habitantes com cerca de 24 mil eleitores. (Site da prefeitura, 2017)

5.2 IMPLANTAÇÃO

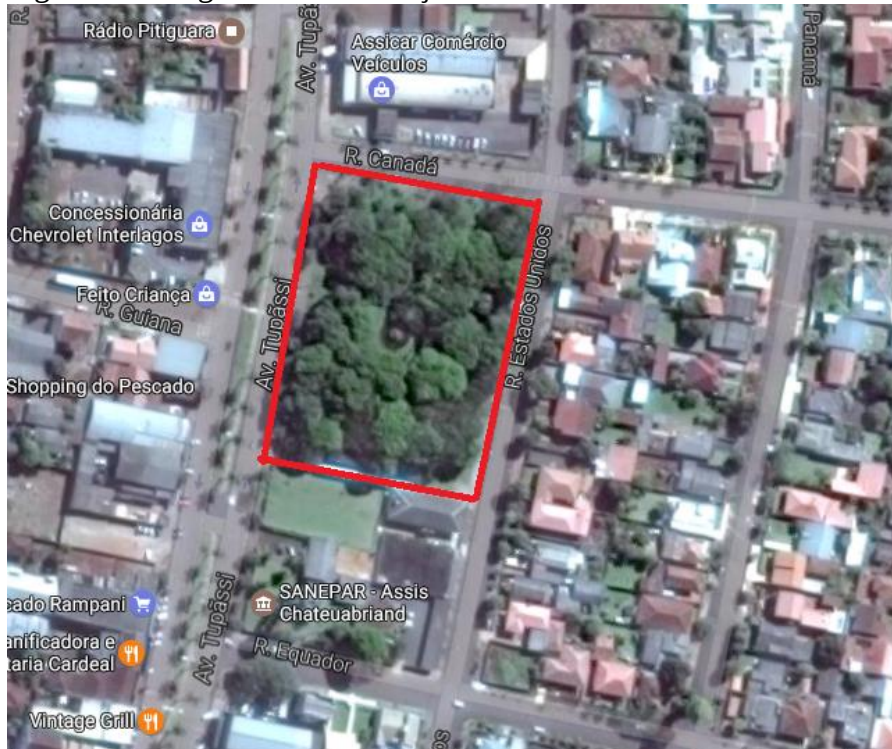
A praça das Américas está localizada no Jardim América, um bairro significativo na cidade de Assis Chateaubriand. Ela encontra-se ao lado da Sanepar. Um dos seus acessos é pela Avenida Tupansi, a principal avenida da cidade. Outros dois acessos são compostos pelas ruas paralelas, a Rua Canadá e a Rua Estados Unidos.

Figura 13: Localização da Cidade de Assis Chateaubriand-PR



Fonte: <https://www.google.com.br/maps>

Figura 14: Imagem aérea da Praça das Américas e seu entorno.



Fonte: <https://www.google.com.br/maps>

5.2.1 Características da praça

A Praça das Américas foi inaugurada em 25 de novembro de 1977 na gestão de Koite Dodo. Possui aproximadamente cerca de 9.465 m², um relevante espaço de área verde no centro da cidade. A princípio a praça é conhecida por dois nomes, Praça das Américas e Praça Japão.

O valor histórico da praça é expressivo e torna a praça conhecida por todos. Ela é frequentada por moradores de todas as idades.

Figura 15: Imagem da vegetação da Praça das Américas



Fonte: Autor, 2017

Como se pode ver na figura 16 abaixo, a praça é constituída por muita vegetação, fazendo com que o conforto térmico seja mais agradável.

Figura 16: Arborização



Fonte: Autor, 2017

5.2.2 Cenário atual

O ambiente da praça se encontra na falta de cuidados e melhorias. A praça está em escassez de área de lazer.

Figura 17: Chafariz



Fonte: Autor, 2017

Figura 18: Banheiro público



Fonte: Autor, 2017

Figura 19: Acesso na entrada



Fonte: Autor, 2017

Figura 20: Quadra de bocha



Fonte: Autor, 2017

5.2.3 Mobiliário Urbano atual

A carência de manutenção e adaptação do mobiliário urbano fica clara nas figuras a baixo:

Figura 21: Mobiliário urbano



Fonte: Autor, 2017

Figura 22: Mobiliário urbano



Fonte: Autor, 2017

Figura 23: Mobiliário urbano



Fonte: Autor, 2017

A falta de atenção para fazer com que o mobiliário urbano seja eficiente e confortável, como por exemplo os bancos para os usuários, fica visível nas figuras 24 e 25.



Figura 24: Mobiliário urbano

Fonte: Autor, 2017

Figura 25: Mobiliário urbano



Fonte: Autor, 2017

5.3 PROPOSTA PROJETUAL

A estrutura existente é levemente boa, requer de reforma e reorganização de setores, utilizando o espaço disponível de maneira correta e apresentando um melhoramento no mobiliário urbano.

A principal intenção para a revitalização da Praça das Américas, é fazer do local um ponto atrativo e de lazer. Tendo em vista que sua localização, seu espaço e sua importância histórica, dispõe de um potencial significativo para atender à demanda da população da cidade de Assis Chateaubriand. Hoje em dia a praça está com baixa capacidade de oferecer estímulo para ser usufruída, por conta da carência de manutenção e a degradação do ambiente. Ainda assim, existe quem frequente a mesma, mesmo que pouco, fazendo assim, que a revitalização procura aprimorar o seu uso.

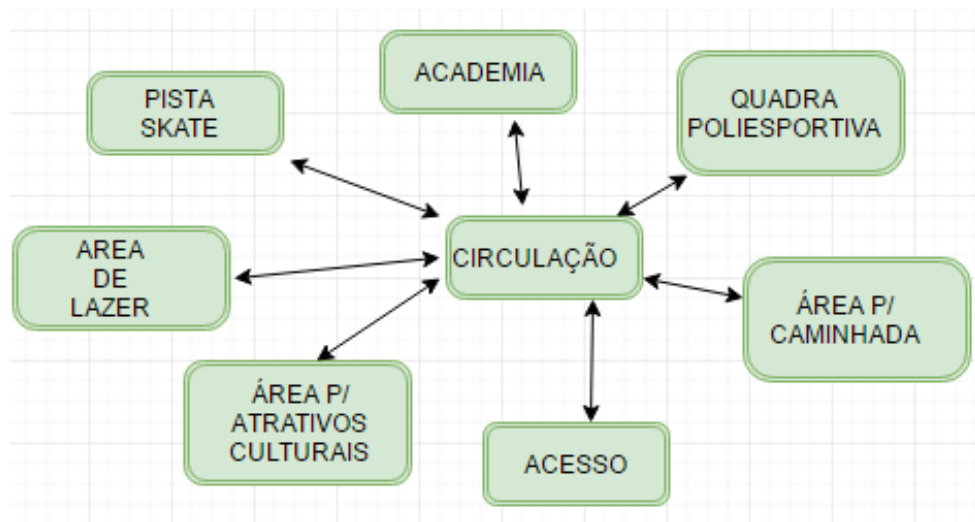
5.3.1 Programa de necessidades

O programa de necessidades foi preparado a partir do levantamento físico do local, com pesquisas abordadas e correlatos, realizando uso da área já existente de fluxo para a oferta da nova proposta.

- Área para caminhada;
- Ciclovia;
- Área de lazer;
- Academia;
- Quadra poliesportiva;
- Pistas de skate;
- Mobiliário urbano;
- Área para atrativos culturais;

5.3.2 Fluxograma

A organização entre os cenários foi originado a partir de estudos efetuados a em base das obras correlatas, para que fossem dividido de maneira coerente. Foi desenvolvido a repartição dos locais e das circulações para a sugestão do projeto de revitalização da Praça das Américas, onde os ambientes foram alocados de modo que facilitassem a circulação dos usuários de um lado ao outro, onde foi mantida a mesma linha original, mantendo a história do local.



Fonte: Autor, 2017

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi realizado através de pesquisas bibliográficas, com o foco principal no urbanismo e paisagismo, conforme vínculo com o tema deste trabalho de conclusão de curso. Os temas relacionados dão ênfase as maneiras e elaborações adequadas para se fazer de maneira correta e com base, a revitalização de uma praça.

A importância do urbanismo e do paisagismo para a revitalização da Praça das Américas na cidade de Assis Chateaubriand no Oeste do Paraná, são mostrados de maneira coerente, obtendo conhecimento para melhor se projetar.

Constatou-se que a arquitetura depende do urbanismo, se relacionando juntos e agregando conceito um ao outro. Fazendo parte do mesmo núcleo está o paisagismo, onde se estabelece um grande significado para a arquitetura e o meio onde vivemos.

O objetivo deste trabalho foi propor a revitalização da Praça das Américas, buscando proporcionar área de lazer e um ambiente de bem estar para os moradores, onde as pessoas tenham a possibilidade de esquecer da correria do dia a dia. Com a intenção de tornar um possível ponto de referência para a cidade.

As cidades precisam de ambientes de lazer para a população, áreas que correspondem a necessidade de todos os moradores, por esta razão a implantação de praças, parques, entre outros.

Foram retratados no andamento do trabalhado temas relevantes ligados ao meio ambiente, como por exemplo, a implantação de praças e parques. Essas áreas tem o objetivo de atender as exigências da população, oferecendo proveitos que promovam o melhoramento na qualidade de vida.

Tendo em vista as inúmeras pesquisas percebe-se que a paisagem tem uma atuação significativa no meio urbano, examinando referências e correlatos de praças e parques executados de maneira sucinta que levaram a melhoria do planejamento das cidades, esses não visam apenas a estética, mas também, espaços que reparem a climatologia, por meio de sua vegetação.

A preocupação com o meio natural foi levada em conta por ter-se analisado através de pesquisas, a comprovação de que as pessoas que se encontram próximas e frequentadores das praças, parques e áreas verdes, tem seu psicológico mais saudável e como resultado ter sua qualidade de vida reparada. Sendo assim, é considerável frisar a importância da implantação desses ambientes, que geram proveitos e melhorias para a população.

REFERENCIAS

ABBUD, Benedito. **Criando Paisagens, Guia de trabalho em arquitetura paisagística**. 3.ed. São Paulo: Senac, 2006.

AG, Faculdade Assis Gurgacz. **Manual para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos**. Cascavel, FAG: 2006

AMORIN, Margarete C. da C. T. **A importância das áreas verdes para a qualidade ambiental das cidades**. Presidente Prudente, 2001

BENEVOLO, Leonardo. **A cidade e o arquiteto**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BEZERRA, Aline Maria Marques; CHAVES, César Roberto Castro. **Revitalização Urbana: Entendendo o processo de requalificação da paisagem** - Revista do Ceds Periódico do Centro de Estudos em Desenvolvimento Sustentável da UNDB. Disponível em: <<http://www.undb.edu.br/ceds/revistadoceds>> dezembro 2014, acessado em 21 mar.2017 às 19:15h

BICCA, Paulo. **Arquiteto a máscara e a face**. São Paulo: Projeto Editores Associados, 1984.

BORGES, Alberto de Campos. **Prática das pequenas construções, volume 2**. São Paulo: Blucher, 2010.

BRAGA, M. **Conservação e restauro: madeira, pintura sobre madeira, douramento, estuque, azulejo, mosaico**. Rio de Janeiro, 2003.

BRANDI, C. **Teoria da Restauração** 1.ed. Palpirus Ateliê Editorial, Cotia, SP, 2004.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CALDEIRA, J. M. **A praça brasileira - Trajetória de um espaço urbano: Origem e modernidade**. Campinas, 2007.

COELHO, Liliane Cristina. **Urbanismo e cidade no antigo Egito**. Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade da Universidade Federal Fluminense. Faculdades Itene, Plêthos, Vol. 1, Curitiba, 2011. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/revistaplethos/arquivos/numero1/liliane.pdf>> Acessado em: 11 mar. 2016 às 21:15

COLIN, Silvio. **Uma introdução a arquitetura**. 5.ed. São Paulo: Uape, 2002.

CHING, Francis D. K. **Dicionário visual de arquitetura**. WMFmartinsfontes, São Paulo, 2014

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. [S.l.]; Edições 70, edição, 1983.

DE ANGELIS, B. L. D; DE ANGELIS NETO, G.; BARROS, G. D. A.; BARROS, R. D. A.
Praças: história, usos e funções. Maringá: EDUEM, 2005.

DENISON, Edward. **Arquitetura: 50 conceitos e estilos fundamentais.** 1.ed. São Paulo: Publifolha, 2014.

FARAH, Ivete; SCLEE, Mônica Bahia; TARDIN, Raquel. **Arquitetura paisagística contemporânea no Brasil** São Paulo: Sanac, 2010.

FARR, Douglas. **Urbanismo Sustentável: desenho urbano com a natureza.** Porto Alegre: Bookman, 2013.

FANTICELE, Fernando Boechat e ALVAREZ, Cristina Engel de. **O projeto Bioclimático Enquanto Instrumento de Análise de Legislação Urbanística de Vitória: Ensaio de um Condomínio Multifamiliar.** Disponível em: < <http://www.usp.br/nutau/CD/44.pdf> > Acessado em: 19/03/2017 às 00:50

FAZIO, Michael; MOFFETT, Marian; WODEHOUSE, Lawrence. **A história da arquitetura mundial.** 3.ed. Porto Alegre: Ltda, 2011.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo, Editora Atlas S.A. 1996

GONÇALVES, Joana Carla Soares; DUARTE, Denise Helena Silva. **Arquitetura Sustentável: uma integração entre ambiente, projeto e tecnologia em experiências de pesquisa, pratica e ensino.** Ambiente construído, Porto Alegre, 2006.

GLANCEY, Jonathan. **A História da Arquitetura.** São Paulo: Loyola, 2001.

GROSSO, Kerley Soares de Souza. **Intervenções urbanísticas como estratégia para o desenvolvimento local e revalorização da imagem da cidade:** análise da revitalização no município de Niterói, RJ. 1º SIMPGEO/SP, Rio Claro, 2008.

HAROUEL, Jean Louis. **História do Urbanismo.** São Paulo, 2001.

JOHN, Naiana M.; REIS, Antônio Tarcísio. **Avaliação estética de mobiliário urbano de abrigo de transporte coletivo.** Porto Alegre, 2010. 10 f. Trabalho acadêmico (Disciplina de Avaliação Pós-ocupação) – Curso de Mestrado Acadêmico, PROPUR, UFRGS.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade.** Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LE CORBUSIER. **Urbanismo.** 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LE CORBUSIER. **Planejamento Urbano.** 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LENGEN, Johan Van. **Manual do arquiteto descalço.** Porto Alegre: Livraria do Arquiteti, 2004.

LIRA FILHO, José Augusto de. **Elaboração de projetos de jardins.** Viçosa: UFV, 2003.

LONDON, Government Office for. **Streets for All: A Guide to the Management of London's Streets.** London: English Heritage, 2000.

- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MACEDO, S. S.; ROBBA, F. **Praças brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2002.
- MACEDO, Adilson Costa. **Vitruvius. O novo urbanismo na Europa**. Edição: 094.03, 2008. Disponível em: <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.094/158>> Acessado em 18 de março de 2017 às 16:00.
- MARCONI, M. A. e LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo, Editora Atlas S.A. 2002
- MASCARÓ, Juan L. e YOSHINAGA, Mário. **Infra-Estrutura Urbana**. 1.ed. Porto Alegre: Masquatro, 2005.
- MACEDO, Silvio Soares. **Parques Urbanos no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.
- MACEDO, S S; ROBBA, F. **Praças Brasileiras Public Squares in Brazil** 3.ed. São Paulo: Universidade de São Paulo 2010.
- MASCARO, Juan Luis. **Infra-estrutura da paisagem**. Porto Alegre: Masquatro, 2008.
- MENDES, Chico; VERISSIMO, Chico; BITTAR, Willian. **Arquitetura no Brasil de dom João VI a Deodoro**. São Paulo, 2005.
- MARTINEZ, Marina. **Áreas Verdes**. Disponível em <<http://www.infoescola.com/meio-ambiente/areas-verdes-urbanas/>> Acesso em 08 de maio de 2017.
- MONTENEGRO, Gildo A. **Desenho Arquitetônico**. São Paulo: Blucher, 2001.
- MONTENEGRO, Glielson. **A produção do mobiliário urbano em espaços públicos: o desenho do mobiliário urbano nos projetos de reordenamento das orlas do RN**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005). Disponível em: < <http://bdtd.ibict.br/>> Acesso em 10 de maio de 2017.
- NEUFERT, Ernest. **A arte de projetar em arquitetura**. São Paulo: G. Gilli, 1998.
- NEVES, C. **Praça Osório: um recanto verde na Curitiba concreta**. 2017. Disponível em: < <http://www.gazetadopovo.com.br/haus/estilo-cultura/praca-osorio-um-oasis-na-curitiba-concreta>> Acessado: 01/05/2017 às 11:15 h.
- PREFEITURA DE ASSIS CHATEAUBRIAND. **Nossa cidade**. Disponível em < <http://www.assischateaubriand.pr.gov.br/>> Acesso em 16 de maio de 2017.

RAMOS, Gabriela Dutra; PARLANDI, Ricardo Rodrigues; PEREIRA, Aquiria Alvarenga. **A Calçada ecológica e seus benefícios na drenagem**. Disponível em: <http://catolicadeanapolis.edu.br/revmagistro/wp-content/uploads/2015/04/Cal%C3%A7ada-Ecol%C3%B3gica-E-Seus-Benef%C3%ADcios-Na-Drenagem.pdf> >

Acessado em: 19/03/2017 às 1:45

RIBEIRO, Carmen Couto e PINTO, Joana Darc da Silva e STARLING, Tadeu. **Matérias de construção civil**. 2º edição, Escola de engenharia da UFMG, Belo Horizonte, 2003

RODRIGUES, Fernandinho de Moura. **Desenho Urbano, cabeça, campo e prancheta**. São Paulo: Projeto, 1986.

ROBBA, Fabio. **Praças Brasileiras**. Fabio Robba, 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

ROMERO, Marta Adriana Bustos. **Princípios bioclimáticos para o desenho urbano**. 2. Ed. São Paulo: Pro editores, 2000.

ROMERO, Marta A. Bustos. **Arquitetura bioclimática do espaço público**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura das cidades**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SUN, A **Projeto da praça: Convívio e exclusão no espaço público**. Sun Alex, São Paulo. Editora SENAC São Paulo, 2008.

SZCZEPANSKI, A. **Praça General Osório a mais arborizada de Curitiba**. 2017. Disponível em <<http://www.guiaturismocuritiba.com/2010/10/praca-osorio.html>> Acessado: 01/05/2017 às 13:00h.

TABACOW, José. **Roberto Burle Marx: Arte & Paisagem**. São Paulo: Livros Studio Nobel Ltda., 2004.

VARGAS, C. H.; CASTILHO A. L. H. **Intervenções em Centros Urbanos, Objetivos, estratégias e resultados**. 1ª. Ed. Barueri, SP: Manole, 2006.

VENÂNCIO, Heliomar. **Minha casa sustentável**. CIP, vila velha, ES. 2011

VENÂNCIO, Heliomar. **Arquitetura em 10 lições: introdução ao fascinante mundo arquitetônico**. Vila Velha, ES: 2012.

VILLAÇA, Flávio. **Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil**. In: DEÁK. C. (Org.). O processo de urbanização no Brasil. São Paulo: 1999.

WATERMAN, Tim. **Fundamentos de paisagismo**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.